

Índice

O Minuto Mundial de Waterloo	11
A Elegia de Marienbad	27
A Luta em Torno do Polo Sul	39
A Conquista de Bizâncio	59
A Ressurreição de Georg Friedrich Händel	87
A Primeira Palavra Que Atravessou o Oceano	111
A Morte de Cícero	133

O Minuto Mundial de Waterloo

Napoleão — 18 de Junho de 1815

Os fortes, os audaciosos dominam o Destino. Durante anos e anos, esta grande força oculta obedece a um único ser: César, Alexandre, Napoleão. Obedece, porque ama o homem imperioso, o homem elemento impenetrável, fugidio.

Sucede, porém, que, por vezes, exceccionalmente, num estranho capricho, abandona-se, entrega-se a um ente medíocre. Por singular acaso — são estes os mais extravagantes momentos da História mundial —, por espaço de um fulgurante minuto, estremece o fio da fatalidade na mão de um incompetente, de um nulo. Mais aterrorizados do que entusiasmados pela violência do grave desígnio que assim tenta atirá-los para o cenário heroico do mundo, deixam escapar das mãos trémulas a fatídica probabilidade. Bem raramente aparece alguém capaz de aproveitar o aceno da sorte, capaz de atingir o sublime. A grandeza só por um segundo se entrega ao medíocre: nunca favorece segunda vez aquele que deixou perder-se a ocasião fugitiva.

GROUCHY

Como obus tremendo, no meio das danças, intrigas amorosas, enredos e disputas do Congresso de Viena, rebenta a notícia de que Napoleão, o leão acorrentado, acaba de se evadir da jaula e desapareceu da ilha de Elba. Sucedem-se os correios uns atrás

dos outros: conquistara Lião, havia expulsado o rei; de bandeiras frenéticas, ao vento, regimentos e regimentos vão agregar-se-lhe; já está em Paris, nas Tulherias; como fora inútil Leipzig, como se anulavam vinte anos de guerras e morticínios! Fincados pela garras ardente, os ministros que, há tão pouco ainda, se perdiam em vãs discussões, aproximam-se, unem-se. À pressa, organiza-se um exército inglês, um exército prussiano, um exército russo, para aniquilar, de uma vez e para sempre, o usurpador do poder: nunca, como nessa hora de pânico, a Europa, a legítima Europa dos imperadores e reis se sentira tão unida. Do norte, avança Wellington contra a França; ao seu lado, às ordens de Blücher, intervêm um exército prussiano; no Reno, apresta-se Schwarzenberg; como reserva, através da Alemanha marcham, lentos, pesados, os regimentos russos. O perigo é mortal — reconhece-o Napoleão num rápido relance. Bem o sabe: seria fatal esperar que se juntasse a matilha! Urge dividir as forças inimigas, atacar separadamente prussianos, ingleses e austríacos, antes que possam constituir um exército europeu — ameaça grave contra o império. Urge apressar-se, antes que acordem os descontentes no próprio país; tem de ser o vencedor, antes que os republicanos, ligados com os realistas, constituam uma força ameaçadora, antes que por trás, à traição, lhe corte os tendões Fouché, o dúvida, o inconsciente, de acordo com Talleyrand, seu émulo e imitador. No mesmo ímpeto, urge aproveitar o entusiasmo ardente do exército e levá-lo de encontro ao inimigo: cada dia significa prejuízo; cada hora, mais um perigo.

E, rápido como o raio, atira os dados para o campo mais sangrento da batalha: a Bélgica.

No dia 15 de junho, às três da manhã, passam a fronteira as avançadas do grande e agora único exército de Napoleão. No dia 16, em Ligny, encontra-se com o exército prussiano, e rechaça-o. É a primeira patada do leão evadido: terrível patada, porém não mortal. Batido, mas não destruído, o exército prussiano recua para Bruxelas.

Napoleão prepara-se para o segundo golpe, desta vez contra Wellington. Não pode respirar nem consentir que respirem; cada

dia traz novos reforços ao inimigo; atrás dele o inquieto povo francês, já tão exaurido de energias, carece de que o inebriem com o fogoso álcool dos boletins da vitória. Sem demora, no dia 17, avança com todo o seu exército até às alturas de *Quatre-Bras*, onde se fora entrincheirar Wellington, o frio adversário de nervos de aço. Nunca, como nesse dia, haviam sido mais clarividentes as disposições de Napoleão, nunca mais seguras as suas ordens militares: não calcula unicamente as probabilidades do ataque, mas também os seus perigos; prevê que o exército de Blücher, batido, mas não aniquilado, possa vir reunir-se ao de Wellington. Para que assim não suceda, destaca uma parte do exército em perseguição, passo a passo, das forças prussianas, cortando-lhes a possibilidade de junção com as inglesas. E o comando dessa brigada de perseguição entrega-o ao marechal Grouchy: homem seguro, comandante de cavalaria muito experimentado — mas comandante de cavalaria e nada mais. Não é um ardente guerreiro, impetuoso, irresistível como Murat, nem um estrategista como Saint-Cyr e Berthier, nem um herói como Ney. Não lhe adorna o peito a couraça bélica, fulgurante; nenhum mito lhe emoldura o vulto, nenhuma qualidade visível lhe dá glória ou lhe proporciona lugar no mundo heroico da lenda napoleónica: tornam-no célebre unicamente a desgraça e a má sorte. Bateu-se durante vinte anos em todas as batalhas, da Espanha até à Rússia, da Holanda até à Itália; e foi subindo, lento, os escalões da hierarquia até receber a dignidade de marechal, dignidade não imerecida, mas alcançada sem feito algum de realce. As balas dos austríacos, o sol do Egito, os punhais dos árabes, os gelos da Rússia haviam-se encarregado de ceifar os antecessores: Desaix em Marengo, Kleber no Cairo, Lannes em Wagram. O caminho para a mais alta dignidade não o tomou de assalto: foi-lhe franqueado por vinte anos de guerra.

Que em Grouchy não possui nem um herói, nem um estrategista, mas apenas um servidor fiel, devotado, honesto e sensato, sabe-o Napoleão perfeitamente. Porém, metade dos seus marechais jazem debaixo da terra; os outros, irritados, deixaram-se ficar nas suas propriedades, fartos da ininterrupta vida de campa-

nha. Vê-se, pois, compelido a entregar a um homem vulgar uma ação decisiva.

A 17 de junho, às onze horas da manhã, um dia após a vitória de Ligny, um dia antes de Waterloo, pela primeira vez confia Napoleão ao marechal Grouchy um comando independente. Por um minuto, por um dia, o modesto Grouchy sai das fileiras hierárquicas e toma parte na História do mundo. Unicamente pela duração de um minuto, mas que minuto! São claras as ordens de Napoleão: enquanto ele próprio ataca os ingleses, com um terço do exército Grouchy partirá em perseguição do exército prussiano. Parece muito simples a ordem, simples e inequívoca; todavia, como uma espada de dois gumes, é flexível e perigosa. Ao mesmo tempo que ordena a Grouchy a perseguição, recomenda-lhe que não perca o contacto com o grosso do exército.

Aceita o marechal a sua missão, contrafeito, hesitante. Não está habituado a proceder com independência; o seu espírito refletido, mas sem iniciativa, só conhece a tranquilidade, quando o olhar genial do imperador lhe mostra o que há de fazer. De mais a mais adivinha atrás dele o descontentamento dos seus generais, e — quem sabe? — talvez também se sinta aflorar pela asa sombria do Destino. Somente o tranquiliza a proximidade do quartel-general: apenas três horas de marcha forçada distanciam o seu exército do do imperador. Chove torrencialmente; Grouchy despede-se. Lentamente, sobre o solo pantanoso, enlameado, avançam os soldados ao encontro dos prussianos, ou, pelo menos, em direção ao local onde se supõe que esteja Blücher com os seus homens.

A NOITE EM CAILLOU

Cai sem fim, em torrentes, a chuva do norte. Como rebanho encharcado, na escuridão densa avançam os regimentos de Napoleão; cada homem arrasta nas solas um quilo de lama; em parte alguma se divisa abrigo: casa ou telheiro. Está totalmente molhada a palha; sem se poderem deitar, juntam-se os soldados aos

grupos de dez e doze e dormem sentados, de costas coladas umas contra as outras, debaixo das bâtegas incessantes da chuva. O imperador não descansa. Aguilhoa-o um nervosismo febril; falham os reconhecimentos, mercê do mau tempo opaco, impenetrável; confusos, terrivelmente confusos, são os relatórios dos espias. Nem sequer sabe ainda se Wellington aceita a batalha; faltam notícias de Grouchy acerca dos prussianos. À uma hora da noite, atravessa os postos avançados — insensível ao dilúvio e já ao alcance dos tiros de canhão, planeia o ataque em frente ao acampamento inglês, que, a espaços, através do nevoeiro, uma luz esfumada e baça vem iluminar. Só ao romper da manhã regressa à pequena choupana em Caillou, o pobre quartel-general onde o aguardam os primeiros comunicados de Grouchy; notícias obscuras sobre a retirada dos prussianos, mas acompanhadas da animadora promessa de que não abandonará a perseguição. Pouco a pouco, a chuva acaba. Impaciente, o imperador atravessa de um lado para outro o pequeno quarto e os seus olhos cravam-se no horizonte lívido à espera que o cortinado espesso se erga e surja enfim o momento de resolver.

Às cinco da manhã cessa completamente a chuva e também se aclara o céu em torno do seu íntimo debate. É transmitida a ordem: às nove horas, todo o exército tem de estar a postos para o ataque. Saltam em todas as direções as ordenanças. Em breve todos os tambores convidam a reunir. Então, deita-se o imperador no seu leito de campanha, para dormir apenas duas horas.

MANHÃ DE WATERLOO

Nove horas da manhã. Não estão ainda reunidas todas as tropas. O chão, amolecido por três dias de chuva, dificulta as manobras e impossibilita o avanço da artilharia. Pouco a pouco, vai aparecendo e brilhando o sol, cortado, porém, por lufadas de vento áspero: não é o sol de Austerlitz, o astro refulgente, de bom augúrio; esta claridade nórdica, pálida e lúgubre, como que alumia de má vontade.